

“Me conhecendo em alemão”: um estudo de caso da avaliação enquanto reflexão docente

"Getting to know me in German": a case study of evaluation as a teaching reflection

Ana Clara Neves Silveira¹
Alice Pellegrini Vasconcelos²
Mariana de Lima Feitosa³

Recebido em: 10/10/2020

Aprovado em: 28/12/2020

Publicado em: 30/12/2020

Resumo:

O artigo tem como objetivo pensar sobre nosso último estágio da Licenciatura em Letras Alemão na Universidade de São Paulo: um minicurso de língua alemã ministrado na Faculdade de Educação da universidade no segundo semestre de 2019, o qual intitulamos “Me conhecendo em alemão”, e pensar, a partir dessa experiência, sobre a seguinte questão: como fizemos a avaliação durante todo o percurso considerando seus diferentes formatos? Ao longo do artigo apresentamos e discutimos as atividades realizadas que proporcionaram um trabalho com os tipos de avaliação propostos por Régnier (1999), levando em consideração o conceito ampliado por Mattos (2002) de (auto-)observação e sua importância tanto para nosso processo de formação docente quanto para o processo de aprendizagem dos nossos alunos. As atividades que elaboramos guiaram os macro e micro planejamentos do curso e constituíram a estrutura das nossas aulas. As questões linguísticas foram desenvolvidas e planejadas de uma forma progressiva, priorizando os interesses e afetos dos aprendizes, e aspectos comunicativos e culturais da língua e cultura alemãs em São Paulo trazidos por nós, professoras, e, principalmente, pelos alunos. Todas as atividades têm em comum a troca e compartilhamento constantes de experiências, o que possibilitou que alcançássemos resultados significativos no que diz respeito aos tipos de avaliação, dos quais destacamos a valorização e desestranhamento do processo de aprendizagem do alemão para nossos alunos durante o minicurso.

Palavras-chaves: Ensino de Alemão como Língua Estrangeira; Estágio; Licenciatura; Formação; Avaliação; Reflexão.

Abstract:

The article aims to reflect on our last internship for the teacher education in Languages and Literature - German at the University of São Paulo (USP): a German language minicourse offered in the second semester of 2019 at the University's Faculty of Education, which we entitled "Getting to know me in German", mainly to think about the following question: How did we carry out the evaluation during the whole course considering its different formats? Throughout the article we presented and discussed the activities carried out which provided work with the types of evaluation proposed by Régnier (1999), taking into consideration the concept from Mattos (2002) of (self)observation and its importance both for our teaching process and for the learning process of our students. The activities we developed guided our macro and micro course planning and constituted the structure of the classes. The language issues were developed and planned in a progressive way, prioritizing the interests and affections of the learners, and communicative and cultural aspects of the German Language and Culture in São Paulo brought by us teachers and mainly by the learners. All activities have in common the constant exchange and sharing of experiences, which made it possible for us to achieve significant results with regard to the types of evaluation, of which we highlight the appreciation, always with the concern of not making German foreign to our students during the minicourse.

Keywords: Teaching German as a Foreign Language; Education; Internship; Evaluation.

¹Graduanda em Letras na Universidade de São Paulo, cursa Bacharelado e Licenciatura nas habilitações de Português e Alemão. Atualmente estuda o ensino de Línguas Estrangeiras e do Português; presta serviço à Associação Paulista de Professores (APPA). E-mail: ana.clara.silveira@usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7540-876X>.

² Professora de alemão no Expert Migration Program da DEKRA Brasil Ltda. e pesquisadora na área de ensino de alemão como língua estrangeira. Formada em Letras - Português/Alemão (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: alice.vasconcelos@alumni.usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5878-378X>

³ Atualmente trabalha como Recepcionista no Goethe-Institut São Paulo. Bacharela desde 2020 em Letras Português-Alemão pela Universidade de São Paulo (USP) e licencianda pela FEUSP. E-mail: marianadelimafeitosa@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4702-9671>.

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

1. Introdução

Neste artigo compartilhamos uma reflexão nascida durante o nosso último estágio da Licenciatura em Letras Alemão na Universidade de São Paulo (USP), o qual consistiu na elaboração e realização de um minicurso de língua alemã na Faculdade de Educação da USP (FEUSP) no segundo semestre de 2019, o qual intitulamos de “Me conhecendo em alemão”. Nosso objetivo é discutir como fizemos avaliações durante todo o percurso considerando seus diferentes formatos (RÉGNIER, 1999); e, ao pensar sobre avaliação, consideramos também qual foi a importância da (auto-)observação tanto para nosso processo de formação docente (MATTOS, 2002) quanto para a aprendizagem dos nossos alunos/as.

Para expor nossas reflexões, o artigo foi dividido em duas grandes partes: a primeira apresenta a descrição do contexto de ensino e aprendizagem do alemão na FEUSP e o contexto de elaboração do minicurso em si; e a segunda corresponde ao cerne da nossa discussão à luz da teoria escolhida, na qual apresentamos detalhadamente como foi nosso percurso de ensino, as escolhas mais relevantes que fizemos para trabalhar com os temas identidade e biografia como norteadores do conteúdo das aulas e quais foram alguns dos resultados obtidos, principalmente no que diz respeito aos tipos de avaliação. Por fim, trazemos nossas considerações finais sobre a experiência, resultados obtidos, outras possibilidades vislumbradas, e ressaltamos a importância de espaços de ensino e aprendizagem de línguas diversas, como o espaço proporcionado pela FEUSP com o projeto dos Minicursos de Línguas Estrangeiras, que vigora desde 1983 para a Comunidade USP e Externa. O intuito de compartilhar nossas considerações com outros leitores e leitoras é dar um retorno do trabalho realizado, para que se possa ampliar e construir ambientes significativos em outros espaços de ensino.

2. Contextualização do ensino de Alemão na FEUSP e a metodologia do minicurso

A FEUSP oferece anualmente – sempre no segundo semestre do ano – os Minicursos de Línguas Estrangeiras para interessados de dentro e de fora da Comunidade USP. Os cursos são ministrados pelos estudantes licenciandos em Letras,

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

que cursam a disciplina de Metodologia de Ensino de uma língua estrangeira, os quais são supervisionados pelos professores responsáveis por cada uma das Metodologias:

Além de constituir-se como campo para a realização de pesquisas sobre ensino e aprendizagem de línguas, os minicursos configuram-se como prestação de serviços à comunidade desde 1983. Ministrados por alunos-estagiários vinculados à Faculdade de Educação da USP, os minicursos são coordenados e supervisionados por uma equipe formada pelos professores de Metodologia do ensino das diferentes línguas e são oferecidos gratuitamente. Todos os cursos são abertos à comunidade interna (alunos, funcionários e docentes da USP) e à comunidade externa (interessados em geral). Os minicursos são oferecidos anualmente em espaços internos da Faculdade de Educação da USP ou em outras diversas localidades, que podem variar a cada ano. As informações sobre horários, turmas e inscrições são disponibilizadas no site nos meses de junho e julho de cada ano. (Website FEUSP).

Essa iniciativa é um espaço oficializado pela universidade para ensino das mais diversas línguas. Quando ingresso no curso de Letras, o estudante pode escolher, além da habilitação do Português, uma segunda habilitação, dentre elas: Alemão, Árabe, Armênio, Chinês, Coreano, Espanhol, Francês, Grego, Hebraico, Italiano, Japonês, Latim, Linguística e Russo. Isso significa que os estudantes que optarem por cursar a Licenciatura da sua habilitação deverão cursar as disciplinas de Metodologias específicas da língua escolhida e ministrar um curso dessa língua, ampliando o leque de possibilidades para os interessados nos minicursos.

Os minicursos são pensados e oferecidos pelos estudantes de Licenciatura e das habilitações que cursam. A preparação dos estudantes que ministraram os minicursos se inicia já no primeiro semestre, em Metodologia I, quando os estudantes realizam pesquisas de campo, entrevistas com alunos/as e professores que ensinam e aprendem a língua estudada, procuram espaços que possibilitam o ensino, estudam sobre os diversos métodos de ensino e aprendizagem das línguas estrangeiras, realizam o estágio de observação, e se organizam para saber quem dará qual minicurso e quando⁴. Após essa preparação, no segundo semestre, inicia-se o planejamento do minicurso propriamente, a preparação do material didático que será utilizado, as aulas, as formas de avaliação etc.

⁴ As atividades realizadas durante a disciplina Metodologia I podem variar, a depender do docente que a ministra.

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

Para o nosso minicurso especificamente, esta preparação inicial foi essencial para o bom desenvolvimento das atividades que propusemos.

A nossa experiência de regência – objeto de reflexão do artigo – ocorreu presencialmente durante o segundo semestre de 2019 no prédio da FEUSP, no qual planejamos e ministramos o Minicurso de Alemão "Me conhecendo em Alemão". Este teve duração total de 30 horas (conjunto de 10 aulas com três horas cada), e compõe uma das modalidades de estágio da disciplina em Licenciatura em Letras Alemão, EDM0412 - Metodologia do Ensino de Alemão II (MELA II), ministrada em 2019, e atualmente, pelo docente Milan Puh.

O minicurso foi ministrado por nós três, professoras e licenciandas da disciplina de MELA II. Isso se deu pela escolha de realizar o estágio em trio, uma das possibilidades oferecidas pelo docente responsável. Essa escolha possibilitou a realização de um trabalho em conjunto rico em troca de experiências.

A reflexão que trazemos neste artigo está relacionada a um dos grandes enfoques em nossa proposta do minicurso de criar conexões entre os alunos/as e a língua e cultura alemãs. Para isso, foi preciso conhecer as relações que já tinham com elas e consideramos que era importante criar um ambiente em que eles/as se sentissem à vontade e que a aprendizagem fosse prazerosa, pensando em diminuir o bloqueio que impede os aprendizes de utilizar plenamente o *input* compreensível (PAIVA, 2014). Para isso, tentamos aproximar a língua alemã do contexto da cidade de São Paulo – local onde o minicurso foi ministrado e os alunos/as moravam – e de formas culturais que os alunos/as tinham conhecimento, criar “afetividade” com a língua, a fim de que os aprendizes pudessem ser envolvidos no processo de aprendizagem e se sentissem “falantes em potencial” da língua que está tão presente aqui no Brasil, e com isso, desestrangeirizar a língua alemã⁵.

Com esse intuito, o planejamento de cada aula foi feito a partir de um objetivo geral a ser atingido no curso: que os estudantes pudessem produzir de forma escrita e

⁵ Uma atividade que mostra claramente esse movimento foi a visita planejada ao Instituto Goethe São Paulo no final do curso. Nós planejamos uma roda de conversa com uma convidada alemã que estava em intercâmbio no Brasil. Consideramos como uma situação autêntica de comunicação que possibilitou grande interação e cooperação entre todos os alunos/as, além do exercício da criatividade para fazer perguntas em alemão, considerando a própria história, experiências, afetos e curiosidades.

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

oral uma pequena biografia sobre si mesmos em alemão. Procuramos pensar nas questões linguísticas de uma forma progressiva, priorizando aspectos comunicativos. Aspectos culturais também foram abordados, mas como complemento das aulas, em forma de dicas para ampliação do repertório. Para alcançar todos os objetivos, buscamos dividir as atividades dentro de cada aula, e elaboramos o que chamamos de “Momentos”, a fim de construir uma sequência didática que se repetisse estruturalmente em todas as aulas, mas que variasse em seu conteúdo. Na tabela a seguir é possível observar os momentos e seus objetivos, os quais retomarão durante a seção:

Tabela 1: Momentos de aula e seus objetivos elaborados pelas autoras

MOMENTOS	OBJETIVOS
Início	“Aquecer”, retomar questões da aula anterior, e tirar dúvidas.
Tema do dia	Apresentar e introduzir o(s) assunto(s) do dia com uma explicação ou exercícios.
Intervalo	15 minutos de pausa, intervalo entre as 3 horas de aula.
Atividade	Retomar a atividade em caso da atividade proposta antes do intervalo não fosse finalizada.
Repertoriando	Compartilhar dicas e afetos relacionados a língua e cultura alemã. Toda semana nós e também um aluno/a – que voluntariamente se candidatava na semana anterior – trazíamos uma dica cultural, de aplicativo, de música, estratégia de aprendizagem etc..
Sharing	Conhecer as alunos/as e ouvir deles as conquistas, descobertas e dificuldades da semana durante o estudo do alemão a partir de um Diário de Aprendizagem (VAZ FERREIRA & MARQUES-SCHÄFER, 2016, p. 106), o qual tinha como objetivo incentivar a autonomia no processo de aprendizagem através de reflexões acerca das atividades propostas em estudos dirigidos.
Hausaufgabe	Corrigir as atividades que foram dadas como lição de casa e tirar dúvidas.

Tabela elaborada pelas autoras

Essa estrutura foi utilizada em todas as aulas, às vezes com um ou outro momento invertidos, a depender das demandas e do andamento da própria aula. De todos os momentos, destacamos o “Repertoriando” e o “Sharing”, os quais, como é possível observar na tabela acima, possibilitaram muita troca e, principalmente, diferentes momentos para se trabalhar os tipos de avaliação, que discutiremos a seguir.

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

3. Pensando a avaliação e algumas possibilidades

A questão central do nosso estágio de regência foi a avaliação. Durante o planejamento do minicurso, precisávamos pensar de que modo avaliaríamos os alunos/as. Formalmente, a FEUSP exige, após o término do minicurso, o envio das notas dos alunos/as que tiveram um bom aproveitamento para que se emitam os certificados de participação. Mas passamos a nos perguntar se a melhor forma de avaliação naquele contexto seria realmente ao final do ciclo, por exemplo, ou como poderíamos atribuir nota e quais critérios usaríamos para isso.

Segundo De Ketele, a avaliação é um:

procedimento que consiste em recolher um conjunto de informações pertinentes, válidas e confiáveis para após examinar o grau de adequação entre este conjunto de informações e um conjunto de critérios escolhidos adequadamente para fundamentar a tomada de decisão. (DE KETELE, 1980 apud RÉGNIER, 1999, p. 46).

Pensando nessa definição, consideramos avaliar não só o desempenho dos alunos/as nas atividades em si, como também a participação, a frequência nas aulas e o comprometimento com o curso – o qual julgamos como grande. Durante nosso planejamento e desenvolvimento das aulas, o procedimento de coletar informações para organizar a tomada de decisão não foi algo exclusivo da finalização do processo, do “dar a nota final”, pelo contrário, esteve marcadamente presente durante todo tempo. Enumeramos três grandes períodos de avaliação: os questionários entregues na primeira aula, a participação nos momentos “Repertoriando” e “*Sharing*” e a apresentação das autobiografias em alemão.

No dia da inscrição dos interessados/as, que ocorreu de forma presencial, tivemos a oportunidade de ter um primeiro encontro com nossos futuros alunos/as. Neste momento, entregamos questionários, os quais continham campos para que eles/as informassem os dados pessoais e perguntas sobre como tomaram conhecimento dos Minicursos de Língua Estrangeira da FEUSP, quais eram as expectativas quanto ao curso e se já haviam tido contato com a língua alemã previamente. Esse primeiro momento foi relevante para que nós, professoras, pudéssemos conhecer um pouco sobre nossos

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

estudantes, assim como para adequarmos o nosso planejamento, o quanto fosse possível, às suas expectativas.

No que tange o segundo período de avaliação, consideramos a participação ativa dos aprendizes em sala de aula. Para isso, primeiramente comentamos sobre o uso de um instrumento, chamado de “Diário de aprendizagem”, o qual segundo pesquisadores de aprendizagem de língua alemã é:

um instrumento para o acompanhamento do processo de aprendizagem dos estudantes participantes da pesquisa e dos encontros de consultoria, mas também como um documento capaz de fornecer importantes dados acerca de aspectos como os estilos de aprendizagem dos alunos, informações sobre hábitos de estudo, entre outros. (VAZ FERREIRA & MARQUES-SCHÄFER, 2016, p. 106).

Nós o apresentamos como uma sugestão para agregar aos estudos, de modo a fomentar o registro de todo percurso de aprendizado, de forma individual e livre, a fim de que o aluno/a o utilizasse para registrar suas palavras aprendidas, dúvidas e pudesse consultá-lo posteriormente. Inicialmente esperávamos que os alunos/as mantivessem a prática de escrever em um diário de aprendizagem semanalmente e nos trouxessem as dúvidas, sugestões e autorreflexões sobre os próprios estudos, de modo que nós conseguíssemos saber como foram as rotinas de estudos, as dúvidas e se tiveram contato com algo relacionado à língua/cultura alemã fora da sala de aula. Contudo, esta atividade não se desenrolou exatamente desta forma, pois não foram todos os alunos/as que deram cabo à proposta, algo que não consideramos como negativo, visto que neste grupo de modo particular, os alunos/as preferiam compartilhar pessoalmente e de forma oral durante os momentos “Repertoriando” e “*Sharing*”.

Esses dois momentos foram pensados a fim de que os alunos/as compartilhassem as dificuldades que tiveram nos estudos de alemão ao longo da semana e trouxessem curiosidades e descobertas sobre a cultura alemã. Em nossa opinião, esta atividade foi muito bem-sucedida do início ao fim do minicurso e, como momento de avaliação, contribuiu para verificar a participação e contribuições dos estudantes semanalmente.

Por fim, como projeto norteador de conteúdos de nosso minicurso está a produção de uma autobiografia de forma escrita e oral em língua alemã. Este projeto

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

macro foi desenvolvido desde a primeira aula a fim de que os alunos/as pudessem construir saberes no decorrer das aulas, com os quais pudessem desenvolver uma fala sobre si próprios em língua alemã. Utilizamos essa produção final como parte avaliativa do curso, a fim de verificar não só aspectos gramaticais, mas também a performance de cada aprendiz na língua estudada.

Antes das apresentações finais tivemos a ideia de juntar os textos que os alunos/as escreveram e transformar em uma espécie de anuário da turma, como se faz em algumas escolas no final do ano letivo, para que nós e eles/as tivéssemos uma pequena lembrança da turma: chamamos de “*Unser Heft*” (Nosso caderno). Por isso, na penúltima aula levamos papéis coloridos, canetas hidrográficas e outros materiais a fim de que cada um/a confeccionasse a sua folha para o livro do grupo, com isso, nós professoras também fizemos os nossos textos pessoais (ver Anexos), e tudo foi digitalizado e compartilhado com todos/as ao final do curso.

Como se pode observar, procuramos nos utilizar da abordagem comunicativa aplicando atividades nas quais os alunos/as tivessem papel ativo, pudessem interagir uns com os outros, que se sentissem livres para expressarem suas opiniões e respeitando suas personalidades. Segundo Lucena,

o ensino comunicativo deve incluir aprendizagem cooperativa, tarefas colaborativas de acordo com os objetivos curriculares e conteúdo significativo com valor inerente. As aulas de língua estrangeira devem promover atividades que requeiram frequente interação entre os aprendizes e, estes com outros interlocutores, a fim de possibilitar a troca de informações na resolução de problemas; devem utilizar material autêntico e atividades ligadas ao mundo real; levar em consideração a história de vida dos alunos, suas necessidades em relação à língua e seus objetivos, e, ainda, propiciar atividades que permitam a eles exercitar sua criatividade. (WESCHE & SKEHAN, 2002 apud LUCENA, 2004).

O minicurso foi uma experiência de constante avaliação não apenas institucional, mas também conjunta – no sentido de que nós, enquanto professoras, teríamos que passar pelo crivo da universidade e da disciplina de Metodologia do ensino de alemão e também avaliamos os alunos/as ao longo do curso.

Até aqui, abordamos as avaliações de forma abrangente. Para esclarecer melhor essas práticas, empregaremos os conceitos de “autoavaliação”, “coavaliação e “heteroavaliação”. Segundo Régnier (1999), “autoavaliação” é um processo no qual o

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

indivíduo avalia por si mesmo as próprias produções dele; a “coavaliação” acontece quando o sujeito é, por assim dizer, um par da performance avaliada; e na “heteroavaliação” o avaliador está em posição dominante em relação a quem/ao que está sendo avaliado.

Tendo essas definições em vista, foi possível enquadrar as práticas do nosso minicurso nesses três termos. Essa relação hierárquica prevista pela “heteroavaliação” esteve presente tanto na relação entre universidade e docente da disciplina, quanto na relação entre docente e professores-estagiários, e professores-estagiários e alunos/as. Em todos os casos temos alguém/algo que avalia e alguém/algo que é avaliado.

A “coavaliação” esteve presente nas relações entre nós professoras-estagiárias, e entre nós e os outros colegas de disciplina e o professor Milan Puh. A primeira relação de “coavaliação” se deu da seguinte maneira: como o minicurso era um estágio, foi necessário que fizéssemos o acompanhamento das turmas e das aulas de forma crítica. Uma das propostas do docente foi que, de alguma forma, observássemos “mais externamente” nossas próprias aulas. Deste modo, como estávamos em trio, decidimos que em cada aula uma de nós seria a observadora do dia e as outras duas, as responsáveis pela aula. Fizemos uma escala por meio da qual pudemos trabalhar em duplas alternadas e cada uma pôde observar e preparar integralmente pelo menos 3 das 10 aulas. Ao final de cada aula, fazíamos reuniões com a finalidade de avaliar como se desenvolveu a aula, como foram realizadas as atividades propostas, o desempenho dos alunos/as, e fazer, quando necessário, um breve (re)planejamento e adaptação da aula seguinte. Esse momento que tínhamos entre nós foi essencial para ter um *feedback* do nosso trabalho individual e conjuntamente, dar um retorno referente ao trabalho das outras e para compartilhar questões, inseguranças e orgulhos. Um momento no qual a avaliação em pares ocupava o centro, importantíssimo para um bom funcionamento do minicurso.

A “autoavaliação” esteve presente tanto no momento de troca descrito acima, no qual trazíamos questionamentos nossos sobre nosso fazer aula, quanto com o já mencionado “Diário de aprendizagem”, que tinha como objetivo incentivar a autonomia dos alunos/as no processo de aprendizagem mediante reflexões acerca das atividades propostas em estudos dirigidos. Ou seja, houve autoavaliação de cada professora em

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

relação ao seu próprio trabalho e também dos alunos/as sobre seu próprio processo de aprendizagem. E essa troca e *feedback* constantes corroboraram para uma autoavaliação mais forte, pois esse contínuo procedimento de coletar informações nossas sobre nós, dos alunos/as sobre nós, dos colegas e do professor sobre nós, elevou a criticidade sobre nosso trabalho e nos auxiliou na (re)organização para as tomadas de decisão no planejamento das aulas seguintes.

Ao longo do minicurso percebemos uma forte presença dos três tipos de avaliação mencionados, e principalmente, da articulação entre eles. O próprio “Diário de aprendizagem” trouxe exemplos de “autoavaliação” para os alunos/as, mas também uma “coavaliação” porque usamos junto com eles/as para avaliar o curso e ainda uma “heteroavaliação” por usarmos para dar a nota final. É observável que a função da avaliação depende do referencial, seja ele o aluno/o ou o professor/a, e do objetivo que se quer alcançar e propor com a atividade em si.

Além disso, ponderamos também sobre o papel da reflexão na formação docente. Observamos um diálogo entre as três categorias de avaliação propostas por Régnier (1999) e o conceito de (auto-)observação proposto e o aprimorado por Mattos (2002). Dada a limitação espacial do artigo, focaremos nossa atenção no que esteve predominantemente presente em nosso minicurso.

Mattos (2002, p. 17) amplia o modelo reflexivo para formação de professores de línguas estrangeiras de Wallace (1991), em que o “desempenho [do professor/a] evolui em busca de um constante aperfeiçoamento, a partir da experiência prática e da reflexão” (2002, p. 4), e defende a ideia da “reflexão do professor como instrumento promotor do auto-desenvolvimento” e da importância do olhar do professor para si, para o trabalho realizado, pensando do seguinte fluxo: “auto-observação [auto-reflexão], conscientização, mudança” (2002, p. 9).

A reflexão foi um aspecto central da nossa experiência com o minicurso de alemão. A dinâmica que criamos entre nós três foi sempre de troca, compartilhamento e *feedback*, e, para que pudéssemos ter a maior quantidade de informações sobre nosso trabalho, decidimos elaborar um guia de observação para direcionar a observadora quanto a aspectos que achássemos importantes serem notados e que poderiam também



SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

nos ajudar a perceber tendências em nosso trabalho a fim de que depois, durante nossas reuniões, pudéssemos ter um olhar mais externo sobre o trabalho realizado:

- A. **Relação:** das professoras entre si e das professoras com os alunos/as;
- B. **Atmosfera da aula:** Qual(is) ambiente(s) que as professoras conseguiram criar? Que "rituais" foram utilizados?;
- C. **Clareza de explicações;**
- D. **Desafios:** Qual(is) foi(ram) eles? Como as professoras lidaram com ele(s)?;
- E. **Correção/orientação:** Como foram feitas as correções? Como os alunos/as reagiram às correções/orientações?;
- F. **Postura em sala de aula:** das professoras e dos alunos/as.

Então, nesses espaços de troca após a aula, tínhamos também três momentos de reflexão: um em que a observadora do dia expunha para as outras duas professoras o que achou da aula, como percebeu a atmosfera, a interação entre os alunos/as e as professoras etc.; outro momento em que cada uma falava como se sentiu ministrando a aula, as conquistas, dificuldades etc.; e um terceiro em que falávamos como cada uma percebeu o trabalho da outra. Esses momentos tinham um formato de conversa e a partir deles repensávamos o planejamento da aula dada e também das aulas seguintes.

Entendemos a importância de relatar a nossa experiência de observação e prática como parte de nossa formação, como defende Richards & Lockhart (1994, p. 1) “professores-aprendizes devem coletar dados sobre o ensino, examinar suas atitudes, crenças, pressuposições e práticas de sala de aula, e usar as informações obtidas como uma base para a reflexão crítica sobre o ensino”. Assim, confirmando também o que diz Lopes: “o professor em formação envolve-se na reflexão crítica sobre seu próprio trabalho” (1996, p. 184), algo essencial para nosso processo formativo na graduação. Mas não apenas por este motivo, como também acreditamos que a reflexão se encontra no bojo de todo o processo educativo, em todos os níveis.



SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

3.1. Exemplos de atividades em que os tipos de avaliação podem ser desenvolvidos

Os momentos “Repertoriando” e “Sharing”⁶ foram elaborados como um espaço totalmente livre e aberto para compartilhar indicações – de aplicativos, músicas, eventos, afetos, curiosidades, descobertas etc. As indicações eram feitas por nós e por um aluno-voluntário/a, o qual se candidatava na aula anterior. Foi impressionante a adesão deles/as a esse momento dos encontros semanais, os quais trouxeram curiosidades voltadas para seus afetos, como, por exemplo: a história dos times alemães para os quais torciam; a história da imigração alemã em São Paulo; a presença da língua alemã em animes; a história da canção alemã de Schubert “*Gretchen am Spinnrade*” (Lamento de Margarida), que faz referência à obra *Fausto*, do autor alemão J. W. von Goethe; dicas de como estudar com as músicas da banda alemã *AnnenMayKantereit*; etc. O fato deles terem preparado e trazido materiais de apoio para suas apresentações – como slides, esquemas, áudios, vídeos e cópias das letras das músicas para os colegas – foi mais um aspecto que demonstrou o engajamento deles para com o momento proposto e consigo mesmos.

Uma outra dinâmica realizada, com o mesmo intuito, foi “As línguas que habitam em mim”⁷, que aconteceu nas primeira e última aulas do curso e tinha como objetivo conhecer o contato dos alunos/as com o ensino/aprendizagem de Línguas Estrangeiras num geral – inclusive os outros sotaques e línguas brasileiras –, principalmente o que conheciam e quais as relações delas com essas outras línguas: familiar, escolar, afetiva, traumática, autodidata etc. Essa consistia em escrever, desenhar e/ou esquematizar as línguas; levamos canetinhas, lápis de cor e folhas para que pudessem criar. Retomamos a dinâmica no último dia do curso com o intuito de revisar os desenhos, mapas e/ou esquemas, e que cada um pudesse compartilhar em grupo o que pensaram ao elaborá-los e refletir sobre o papel que a língua alemã passou a ter após as aulas do minicurso: se

⁶ Essa ideia foi inspirada no momento “repertoriando” realizado pelas Professoras Ana Paula Martinez Duboc e Livia de Araújo Donnini Rodrigues na disciplina “EDM0351 - Ensino de Línguas Estrangeiras para Crianças” na Faculdade de Educação da USP (FEUSP), ministrada durante o segundo semestre de 2019 às quartas-feiras, das 14h às 17h40, da qual uma das autoras deste artigo teve a oportunidade de cursar.

⁷ Dinâmica realizada também pelas Professoras Ana Paula Martinez Duboc e Livia de Araújo Donnini Rodrigues na mesma disciplina.

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

ela já habitava e continua a habitar neles, se ela mudou de lugar afetivo, ou se ela passou a habitá-los/as após o minicurso. Com isso, tivemos um *feedback* bastante rico sobre as atividades e o curso de modo geral, e proporcionamos mais um momento para auto observação/reflexão/avaliação e troca. Essas atividades nos ajudaram também a entender melhor nosso público e saber qual bagagem linguística traziam consigo e de que forma isso poderia auxiliar no ensino e na aprendizagem do alemão.

Como já mencionado na seção 3, gostaríamos que nossos alunos/as escrevessem e apresentassem como atividade final do minicurso, uma pequena autobiografia, que conseguissem falar minimamente sobre si e, com isso, pudessem concluir o minicurso e terem algo mais concreto. Apesar de alguns deles/as não terem comparecido no último encontro – e, portanto, não apresentaram as autobiografias –, a maioria que lá estava se saiu muito bem: conseguiram se lembrar das estruturas gramaticais que ensinamos para falar sobre os temas que seriam abordados e expressões comumente utilizadas em apresentações orais. Esta apresentação foi algo que prepararam junto conosco durante as aulas a partir da metade do curso. Primeiro propusemos que começassem a escrever o texto autobiográfico com informações básicas – nome, idade, cidade onde nasceram, onde moram, situação familiar e a profissão –, uma vez que estes conteúdos haviam sido tratados nas aulas anteriores. Nessa aula acabaram por escrever muito – pois queriam contar com o que trabalham e o que estudam –, o que achamos interessante por conta do tema da aula seguinte ser “trabalho” e *Hobbys*, servindo como pontapé inicial. Em outra aula nós também reservamos um tempo para que revisitassem os textos e tirassem dúvidas conosco para que na décima e última aula eles/as apresentassem para nós e os colegas.

4. Considerações Finais

Após apresentar algumas das principais atividades realizadas em nosso minicurso “Me conhecendo em alemão” com enfoque nos tipos de avaliação, foi possível observar como os tipos de avaliação propostos por Régnier (1999) se mesclaram com as atividades realizadas e como todos os tipos estiveram presentes em diversos momentos e com diversas combinações. As atividades descritas no artigo foram escolhidas para que

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

pudessem ilustrar o quão multifacetada a avaliação pode ser, sem ser compreendida e aplicada meramente como uma prova ao final de um ciclo, aula ou curso.

E avaliar sem reflexão não é possível, ou melhor, é possível, mas a avaliação se torna ineficiente, pois nada se conclui, não conclui-se nenhum “diagnóstico”, e por isso a manutenção da prática também não pode ocorrer, pelo menos não de modo efetivo. Como procuramos mostrar, a (auto-)observação, a avaliação e reflexão constantes sobre o próprio trabalho, podem ser realizadas também em pares, e quando não se tem pares, com os retornos dos alunos/as.

O ambiente agradável e de constante troca criado por nós entre nós mesmas e entre os alunos/as foi essencial para a manutenção e conclusão do minicurso. O próprio título do minicurso “Me conhecendo em Alemão” reflete a ideia da presença dos alunos/as, do falar de si mesmo na língua estudada, de pertencer a algo que a primeiro momento é novo e até distante, de desestrangerizar. Com esse objetivo, articulamos também os três níveis de avaliação que nos possibilitaram refletir antes, durante e depois sobre as práticas avaliativas para além de simplesmente “dar nota” e consideramos que independentemente da língua que seja objeto de ensino e aprendizagem, sendo ela hegemônica ou não, a reflexão, juntamente com coleta de dados, análise e *feedback* constante são essenciais para um bom planejamento e desenvolvimento das aulas. A reflexão foi trabalhada por nós quase como sinônimo, ou melhor, como um processo frequente e junto com a avaliação, pensando esta a partir de De Ketele, como esse procedimento de “recolher um conjunto de informações pertinentes, válidas e confiáveis” (1999, p. 46) e pensar a adequação delas para a tomada de decisões didáticas e metodológicas.

Concluimos que o espaço proposto pela FEUSP com os Minicursos de Línguas Estrangeiras é importantíssimo para formação inicial de professores, já que possibilita e pressupõe, em si, a reflexão sobre o que, como, para quem, em que contexto e com quais materiais iremos ensinar. Assim sendo, a reflexão individual e em conjunto, isto é, a auto, co e heteroavaliações, nos possibilitaram pensar para além de uma avaliação normativa, ou seja, não só como o fim de um processo, mas também e, principalmente, como um percurso, proporcionando um trabalho consistente, e que acompanha a constante mudança nossa e dos nossos alunos/as.

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

Além disso, o espaço criado pela FEUSP para o ensino de Línguas Estrangeiras pode ser inspiração para projetos semelhantes em outras instituições de ensino superior e também regular. Nossa experiência foi possível dentro desse contexto, e sabemos que o trabalho em duplas ou trios, por exemplo, não são a realidade de todos os contextos. No entanto, vislumbramos algumas possibilidades para um trabalho com mais troca entre os professores entre si e com seus alunos/as, destacando esses momentos de avaliação que pudemos experienciar e que são essenciais para repensar as disciplinas e aulas ministradas, seus processos, o que tem funcionado, o que não tem funcionado e por quê etc.

A primeira delas se relaciona com o contexto do licenciando/a durante os estágios. Uma das dificuldades na procura por estágios durante a licenciatura é encontrar alguma instituição que permita a modalidade de regência. Quando ela não é possível – pelas mais diversas razões, não as estamos questionando aqui –, poderia-se estreitar a relação entre professor/a e estagiário/a, por exemplo, tornando-o/a uma espécie de monitor ou assistente. Ao se fazer isso pensando nos tipos de avaliação discutidos e exemplificados com atividades práticas, cria-se um espaço alternativo, no qual o que foi observado pelo licenciando/a pode ser mais efetivamente trabalhado. Uma outra possibilidade é, quando não se é possível trabalhar em duplas ou trios, pensar em um trabalho entre professores de Linguagens – de Línguas Estrangeiras e Materna – e aproveitar reuniões comuns de departamentos e planejamentos para pensar em dinâmicas que sejam mais efetivas para auxiliar na resolução de problemas e também no compartilhamento de conquistas.

Por fim, gostaríamos de agradecer ao professor Milan Puh, pelo convite e articulação para que fossem possíveis as publicações nossas e de nossos colegas. Além disso, pela sua proximidade conosco, sua postura em relação ao ensino de línguas e, também, pela prioridade que dá ao aprender em conjunto, à troca constante de experiências, descobertas e dificuldades, sempre pensando em possíveis soluções e criações. Agradecemos também aos nossos colegas de turma pelos comentários e sugestões construtivas sobre nosso trabalho no decorrer dos nossos processos formativos, e deixar um carinhoso agradecimento aos nossos queridos alunos e alunas da

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

turma 2 do Minicurso de Alemão de 2019: foi um prazer aprender com vocês e compartilhar um espaço tão bacana quanto o que construímos juntos. Muito obrigada!

Agradecemos à revista *Iniciação & Formação Docente* por possibilitar um volume especialmente para compartilhar reflexões a respeito das metodologias de ensino de línguas não-hegemônicas no Brasil, algo de extrema importância em um país que contém tantas realidades, línguas e culturas diferentes, e que, muitas vezes, esquece de abraçá-las. E, por fim, agradecemos fortemente umas às outras pelo trabalho intenso em conjunto antes, durante e depois de todo esse processo para fazer o minicurso acontecer! É uma alegria poder conviver, trabalhar e construir juntas! Obrigada também a você, leitor e leitora, que investiu seu tempo em nos ler. Esperamos que nossas reflexões possam ter-lhe sido úteis, permitindo uma experiência agradável e que, de alguma forma, possamos ter inspirado você com nossas ideias e reflexões.

5. Referências:

FEUSP. CEPEL: **Minicursos de Línguas Estrangeiras**. Disponível em: <<http://www4.fe.usp.br/cepel/minicursos>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

LUCENA, M. I. P. . **Avaliação no Ensino de Línguas e contemporaneidade: em busca de uma re-significação**. In: VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2004, São Paulo. Anais do VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada/ Linguística e contemporaneidade, 2004.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. **O Professor no Espelho: conscientização e mudança pela auto-observação**. Rev. bras. linguist. apl., Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2002.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Lingüística Aplicada**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira e. **Modelo monitor, hipótese do input ou da compreensão**. In: *Aquisição de segunda língua*, São Paulo: Parábola, 2014, p. 27 - 33.

RÉGNIER, Jean-Claude. **A auto-avaliação na prática pedagógica**. Revista Diálogo Educacional. 1999.

RICHARDS, J. C. & LOCKHART, C. **Reflective teaching in second language classrooms**. New York: Cambridge University Press, 1994.

SANTO, Diogo Oliveira do Espírito; SANTOS, Kelly Barros. **A invenção do monolingüismo no Brasil: por uma orientação translíngue em aulas de “línguas”**. *Calidoscópico*, v. 16, n. 1, p. 152 - 162, jan/abr 2018, Unisinos.

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

VAZ FERREIRA, M.; MARQUES-SCHÄFER, G. *A consultoria individual e o diário de aprendizagem como instrumentos para o desenvolvimento de autonomia no contexto de ensino de alemão como língua estrangeira*. Pandaemonium Germanicum, v.19, n. 28. 2016, p. 101 - 123.

WALLACE, M. J. *Training foreign language teachers: a reflective approach*. Glasgow: Cambridge University Press, 1991.

Como citar este artigo (ABNT)

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA. **“Me conhecendo em alemão”**: um estudo de caso da avaliação enquanto reflexão docente. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 7, n. 4, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA. (2020). **“Me conhecendo em alemão”**: um estudo de caso da avaliação enquanto reflexão docente. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.



SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

6. ANEXOS

Algumas páginas da produção Final: *Unser Heft* (Nosso caderno)⁸

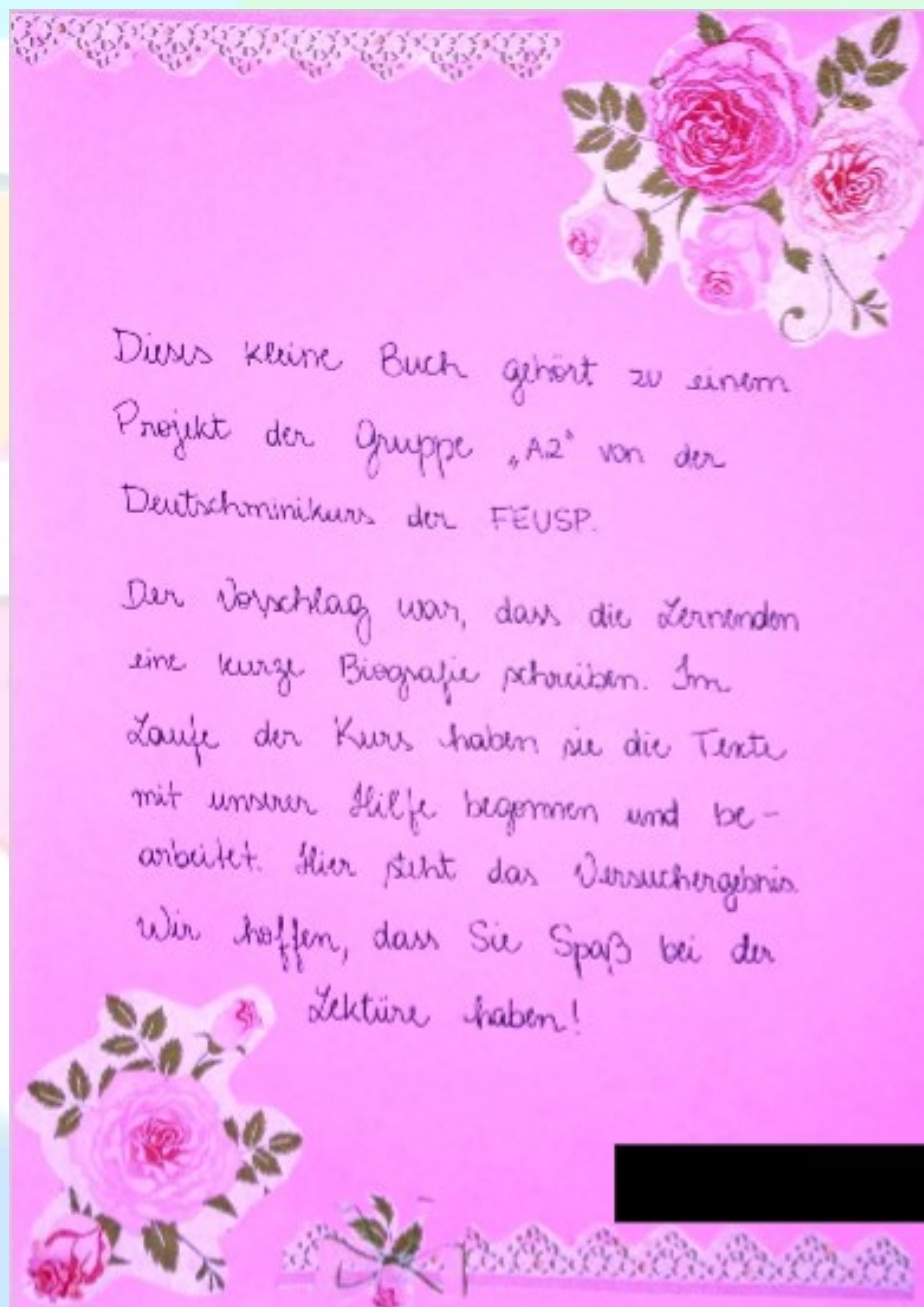
- Capa:



⁸ Para não termos problemas com a divulgação indevida de material dos alunos/as, selecionamos, como exemplo, as páginas que nós três fizemos. As biografias deles/as são parecidas com as disponibilizadas aqui.

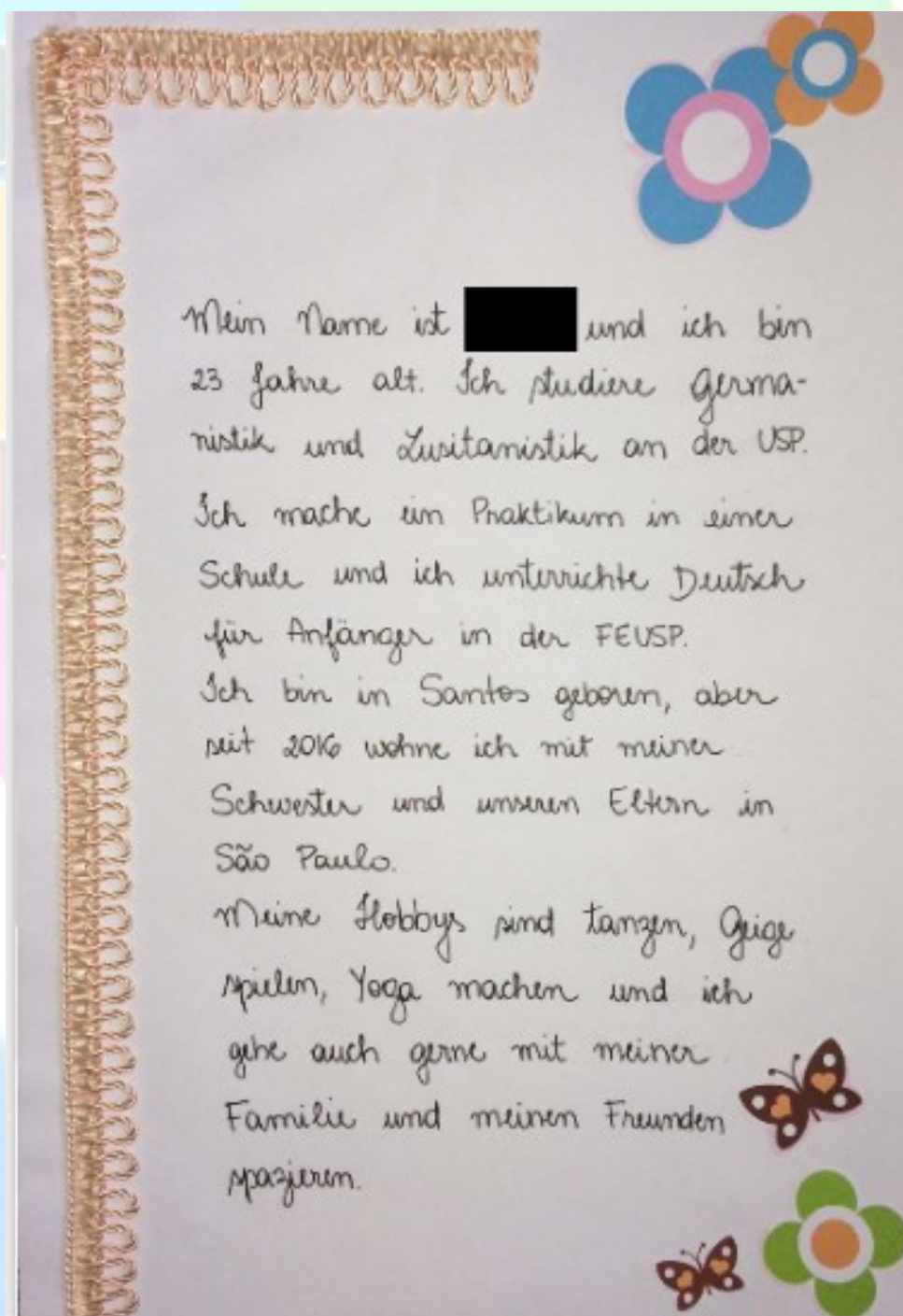
SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

Prefácio das autoras:



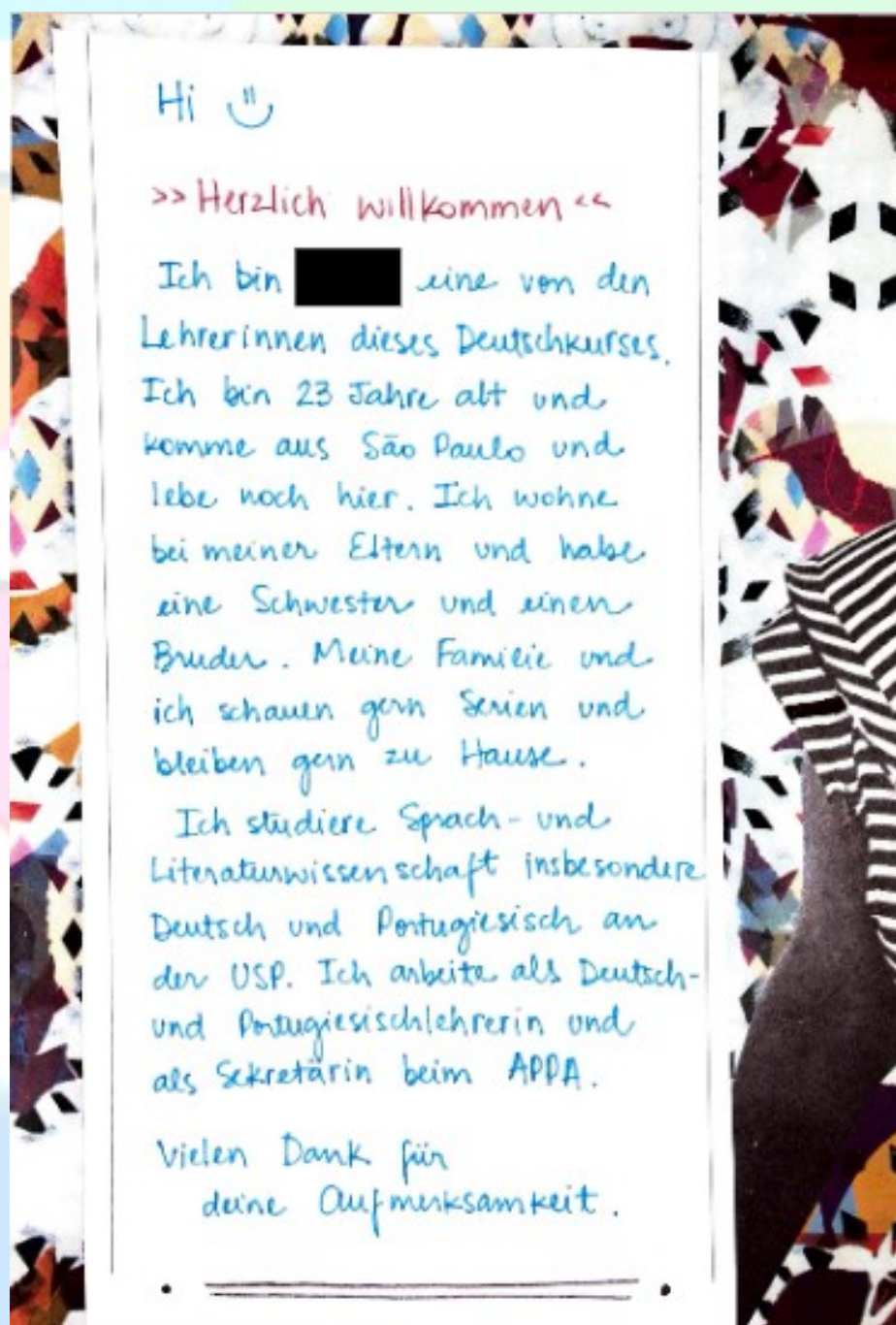
SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

Autobiografia de uma das autoras:



SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

Autobiografia de uma das autoras:



SILVEIRA, A. C. N.; VASCONCELOS, A. P.; M. L. FEITOSA.

Autobiografia de uma das autoras:

